

Crítica: Lucas Verzola embaralha palavra e imagem para falar da classe média baixa no último século

oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/12/07/critica-lucas-verzola-embaralha-palavra-e-imagem-para-falar-da-classe-media-baixa-no-ultimo-seculo.ghtml



“Um álbum de fotos de família é, em geral, um álbum sobre a família ampliada – e, muitas vezes, tudo o que dela resta.” A frase de Susan Sontag bem poderia servir de trampolim para Lucas Verzola e seu “Infelizes à sua maneira”. A partir de fotografias antigas dos seus familiares, o escritor paulista construiu uma das boas surpresas deste ano: diagramados como um álbum, seus contos despem as imagens de quaisquer significados íntimos; antes, os reformulam em 27 histórias que vão da melancolia à singeleza, em percurso visual e literário.

O clima dominante já vem expresso no título. Ao se apropriar da clássica frase de abertura de “Anna Kariênina” (“Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”), Verzola elege como campo tudo que não é banhado pela claridade imutável da felicidade. Estão lá o padre e seu relacionamento com as moças da paróquia, o tifo, a mulher que morre aos 27 anos. Longe do truque barato que seria o

visual como apoio, a equivalência de peso entre imagem e texto mantém o leitor atento ao que as páginas oferecem – um jogo esperto com a frase de Lewis Hine coletada por Sontag ao final de “Sobre a fotografia”: “Se eu pudesse contar a história em palavras, não precisaria carregar uma câmera”.

Ficções onde cada toque conta

Esse jogo amplifica a escolha formal: contos curtos – micro, em alguns casos. Se Verzola pretende falar das vidas pequenas que povoaram o Brasil do último século, dos operários que amam a fábrica mais que tudo, mas também da violência familiar que desestabiliza e compromete o futuro, é coerente que sejam apoiados em algo que dê outra roupagem àquilo que já está diluído. Postas no papel fotográfico, as pessoas são memento mori; reimaginadas em ficções onde cada toque conta, parecem ganhar nova vida.

Porém nem sempre o expediente funciona. “Pra tudo se acabar na quarta-feira”, por exemplo, carrega uma aposta excessiva na metalinguagem, algo que passa longe de “Ronilson de Freitas”, um dos melhores da coletânea. Ao investir na melancolia como força, ou na brutalidade – “Um homem honrado” –, o livro se sai melhor. Em “Ronilson...”, um cantor de jantar dançante na Zona Norte paulistana é ponto de partida para situar um personagem luminoso em seus fracassos, correndo paralelo a uma trama conjugal. Já o segundo é um corrosivo ensaio sobre pactos masculinos.

Ambos os casos, em tudo que têm de intensidade, ressoam o que “Infelizes à sua maneira” propõe: um gesto ativo, palavra e imagem embaralhadas antes, durante e depois. Dispostas com o texto, e, sendo texto, essas pessoas e suas poses parecem a todo tempo desejar exceder os limites da moldura – um movimento duplo, portanto: estar na foto e rompê-la.

Tempos idos

Por mais que haja um assombro manifesto com as fotografias do acervo familiar, o livro sai da própria redoma e rasura o que restou da ambição de uma sociedade forjada

também no trabalho dos imigrantes. Se abrirmos o escopo, há algo de crônica da classe média baixa que ajuda a matizar “Infelizes à sua maneira”. Não é um veio novo; poderíamos inseri-lo numa linha que tem “Oscarina”, de Marques Rebelo, publicado em 1931, ou algum dos romances de Luiz Ruffato, autores fundamentais para pensar o Brasil pelas classes baixas.

Abrem-se então duas perspectivas: de um lado, o ambiente de trabalho como vínculo social, em um conto como “Bodas de ouro”; de outro, o que essa temporalidade espalhada provocou, de que forma os descendentes desses imigrantes se organizaram como brasileiros. Em “Recenseamento”, não é à toa que a foto de crianças na escola seja posicionada em 1964, indo até um 2019 coalhado por terra plana e que tais. Porque é outro Brasil, Verzola parece nos dizer nessas histórias que tendem a permanecer na alta voltagem, um país mais tecnológico e imediato, sem lentidão e sem bondes que esmagam freiras e causam celeumas amorosas. Mas o mesmo, não esqueçamos, que engendrou essas criaturas capazes de ainda hoje vociferarem horrores.

Mateus Baldi é escritora e jornalista; mestre em Letras, é autora de “Formigas no paraíso”

‘Infelizes à sua maneira’.

Autor: Lucas Verzola. Editora: Incompleta. Páginas: 94. Preço: 72. Cotação: muito bom.